

ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS RÓTICOS NO FALAR CAMPINEIRO

Cândida Mara Britto LEITE*

- **RESUMO:** Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que buscou investigar a variação de um segmento linguístico do falar campineiro: o /R/ em posição de coda silábica. Como hipótese principal deste estudo, assumiu-se que o rótico produzido pelos informantes campineiros estaria em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, dos informantes que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro. O corpus selecionado consta de dados coletados junto a doze informantes naturais do interior paulista. Esses dados foram gravados e submetidos à análise acústica e estatística. Para análise dos dados, o referencial teórico adotado foi o da Teoria Acústica de Produção da Fala, conforme Fant (1970), somado aos pressupostos da Sociolinguística. Os resultados alcançados nesta pesquisa mostram que há variação linguística do rótico e que a variante mais frequente é o /R/ caipira. Esse resultado contraria a alegada existência de um /R/ característico do falar campineiro.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Variação linguística. Róticos. Fonética acústica.

Considerações iniciais

Todas as variedades de uma língua são bem estruturadas e formam um complexo sistema linguístico que, certamente, será adequado às necessidades daqueles que deles se utilizam. Apesar dessa adequação, os estudos linguísticos relatam o quanto algumas variantes linguísticas são alvo de avaliações, sejam valorativas ou depreciativas. O impacto causado por tais avaliações pode contribuir para a manutenção ou para o desaparecimento de traços linguísticos e, sendo assim, essas questões são sempre atuais e significativas para aqueles que se dedicam ao estudo da variação e/ou mudança linguística. No que se refere ao dialeto paulista, sabe-se que o /R/² que ocorre em coda³ silábica medial e final,

* UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários. Vitória da Conquista – BA – Brasil. 45083-900 – candidamara@gmail.com.

² Em função da variabilidade dos sons dos róticos, da dificuldade apontada pelos estudos fonológicos em precisar quantos e quais são os fonemas róticos em posição intervocálica, e da perda de contraste entre esses sons em posição de coda silábica, o arquifonema /R/ será adotado, neste texto, para representar tal neutralização.

³ Conforme Selkirk (1982), uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia.

denominado /R/ caipira, é largamente estereotipado, como atestam as pesquisas realizadas por Amaral (1982), Head (1973, 1978), Leite (2004), Castro (2006), entre outras. A pronúncia do /R/ característica do falar¹ da cidade de Campinas², uma das mais prósperas do interior paulista, é apontada pelos campineiros entrevistados nesta pesquisa como “intermediária”.

Em entrevista realizada com informantes naturais de Campinas, ao serem convidados a opinar a respeito de uma possível caracterização do falar campineiro, responderam:

LF (M – 26 anos³): é o meio termo entre o / o caipira e o paulistano ((risos)) /.../ é intermediário (++) não é muito arrastado mas também não é muito certinho (+) não é muito:: eu não tô sabendo / eu não tô sabendo explicar direito a:: / o jeito de falar do campineiro (+) mas é / é uma coisa que você não fala: um /R/ muito forçado (+) é:: muito ACENTUADO como:: fala:: alguém mais do interior e também eles não fala um /R/ muito CORTADO como fala alguém da / da capital (+) eu percebo que o:: / o: paulista ele gosta de alongar as: consoantes e o paulistano ele gosta de cortar elas no meio

Ou, ainda:

SA (F – 37 anos): eu acho que é mais interiorana (+) levemente mais interiorana (+) eu acho que ela recebe mais influência do interior

Quanto à cidade de Campinas, é atribuída a esta o título de capital do interior paulista. Essa designação é encontrada em notícias veiculadas no jornal *Correio Popular*⁴ em edição especial de comemoração do aniversário da cidade, por exemplo. Campinas é a única Região Metropolitana cujo núcleo não é também capital estadual. O economista Ulysses Semeghini (1991) afirma que a cidade de Campinas ocupa uma posição de “interface” (entre o interior e a capital),

¹ Para Dubois et al. (1998, p.266): “O falar é uma forma da língua utilizado num grupo social determinado ou como signo de pertencer ou da vontade de pertencer a este grupo social. Cada um destes falares possui regras sintáticas e vocábulos que lhe são específicos e muitos outros que são comuns a muitos falares da língua ou mesmo a todos.” Tomo aqui o termo “falar campineiro” para me referir à variedade do português falada na cidade de Campinas.

² A Região Metropolitana de Campinas (RMC) é constituída pelo agrupamento de 19 municípios, cujo núcleo é o município de Campinas – situado no Estado de São Paulo – e que ocupa área de 3.673 km² e conta com 2,3 milhões de habitantes. Segundo Cano e Brandão (2002, p.403), entre as doze RMs apontadas pelo trabalho *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil* (IPEA; IBGE; NESUR), essa é a única RM cujo núcleo não é também capital estadual.

³ A identidade dos informantes foi preservada e eles, portanto, são indicados por parte das iniciais de seus nomes, acompanhados da referência do sexo (M para masculino e F para feminino) e da idade na época da coleta.

⁴ *Correio Popular*, 14 de julho de 2003, p.19.

distinguindo-se das demais cidades do Estado de São Paulo e cumprindo a função de antecipar para o interior as transformações nos padrões sociais e urbanísticos próprios da industrialização e as transformações que inicialmente manifestavam-se na capital.

Considerando as afirmações dos informantes a respeito de uma pronúncia “intermediária” e da posição ocupada por Campinas no cenário econômico, político e social é que se questiona se, em relação ao aspecto linguístico que aqui se discute – a variação do /R/ em posição de coda silábica –, Campinas estaria, também nesse âmbito, à frente das demais cidades do interior paulista, isto é, em um “estágio mais avançado” em se tratando do processo de variação linguística do rótico que se suspeita ocorrer, de forma semelhante ao que ocorre nas capitais brasileiras citadas na pesquisa realizada por Callou, Moraes e Leite (2002). A hipótese que norteou a pesquisa, portanto, é que o rótico que ocupa a posição de coda silábica no falar campineiro encontra-se em um estado mais avançado, se comparado a outras cidades do interior paulista, no que se refere ao enfraquecimento desse segmento, tendendo à vocalização ou ao apagamento. Esse enfraquecimento seria o responsável pela impressão, de oitiva, dos informantes que julgam pronunciar uma variante de /R/ avaliada como “intermediária” e indicada como característica do falar campineiro.

Os informantes campineiros entrevistados argumentam que pronunciam um /R/ “intermediário”. Haveria fundamento nessa afirmação? Os informantes entrevistados seriam sensíveis o suficiente para captar a variação do rótico e, com essa afirmativa, estariam se referindo às possíveis variantes do /R/ no falar campineiro? Pode-se, ainda, formular a hipótese de que o campineiro apenas idealize essa pronúncia, de forma semelhante ao que foi registrado nos trabalhos de Trudgill (1974) e de Labov (1982) em que o informante se vê como quem utiliza a forma a que aspira, forma esta que, para ele, é prestigiosa.

A partir dessas proposições, buscou-se analisar o processo de variação linguística do /R/ em posição de coda silábica medial e final que parece ocorrer em Campinas e investigar as atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes, procurando descrever os estereótipos e as atitudes relacionados à variável linguística em questão. Como desdobramento desses objetivos principais, propôs-se: (i) realizar análises auditiva e acústica no intuito de verificar quais as variantes que concorrem em posição de coda silábica no falar campineiro; (ii) averiguar se as análises empreendidas fornecem alguma informação em que se possa apoiar com o intuito de compreender os depoimentos dos informantes campineiros, uma vez que estes afirmam que realizam um /R/ “intermediário”, que os distingue do falar do interior paulista.

O texto, a seguir, expõe questões importantes do referencial teórico adotado para, em seguida, apresentar a descrição e a análise dos dados, realizadas no

intuito de responder as questões que nortearam esta pesquisa e comprovar, ou refutar, as hipóteses suscitadas.

Róticos: o /R/ caipira em foco

O estudo dos róticos, classe de sons do arquifonema /R/, suscita muitas discussões no âmbito da investigação linguística⁵. Os estudos sociolinguísticos mostram que os róticos exibem um alto grau de polimorfismo, prestando-se exemplarmente a estratificações sociais e regionais, por exemplo. Já as descrições fonéticas salientam a grande variabilidade dessa classe de sons, tornando difícil a tarefa de agrupá-los sob um mesmo conjunto de características.

Entre as possibilidades de realização dos róticos no dialeto do interior paulista, destaca-se a ocorrência da variante /R/ caipira, um dos traços remanescentes do dialeto caipira, que pode ser considerada como a característica mais evidente desse dialeto e também como uma das mais estigmatizadas sendo, portanto, alvo de constantes comentários, chacotas e desprestígio – resultado, principalmente, das avaliações negativas das comunidades externas aos limites dialetais do /R/ caipira.

Quanto às possibilidades de realização dos róticos, neste estudo a atenção estará voltada para as variantes que concorrem em posição de coda silábica no falar campineiro.

O /R/ caipira: bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos...

Amaral (1982), em *O Dialeto Caipira*, descreve o dialeto da antiga província de São Paulo⁶. Esse dialeto caipira, segundo o autor, apresentava um sistema distinto e inconfundível e era falado pela grande maioria da população. A influência desse falar estendia-se à minoria culta da capital e, desde então, já era avaliado de forma pejorativa, a ponto de ser apontado como o responsável por corromper o vernáculo e considerado como vício de linguagem.

Além das inúmeras características fonéticas, sintáticas, morfológicas e do vasto vocabulário elencado por Amaral (1982) que particularizam o dialeto caipira frente ao português falado pela população letrada no Brasil do início do século XX,

⁵ Conforme tratamos em Leite (2004), os estudos fonológicos também suscitam discussões acerca da classe de sons dos róticos, uma vez que não há um consenso em precisar quantos são os fonemas róticos. A respeito dessa questão, consultar Harris (1969, 2002), Bonet e Mascaró (1996), Abaurre e Sandalo (2003), dentre outros.

⁶ No prefácio de *O Dialeto Caipira*, Paulo Duarte indica que os informantes de Amaral (1982) eram provenientes das regiões de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos.

há também características comportamentais que marcam o modo de vida caipira⁷. Assim, conforme o autor, “[...] o caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana.” (AMARAL, 1982, p.41).

Além de Amaral (1982), estudiosos da linguagem como Rodrigues (1974), Head (1987), entre outros, apontam a pronúncia do /R/ retroflexo como característica do dialeto caipira. Os trabalhos dos referidos autores que tratam do dialeto caipira descrevem a articulação que envolve o /R/ típico desse dialeto de maneiras distintas. No entanto, como alerta Head (1987), embora nem todos os estudiosos o denominem como /R/ retroflexo, a exemplo de Amaral⁸ (1982), o vocábulo “retroflexo” para descrever o rótico típico do dialeto caipira figura ao lado de “/R/ caipira” como termos sinônimos para caracterizar a pronúncia típica desse dialeto.

O caráter retroflexo do erre típico do dialeto caipira, conforme descrito por Amaral (1982), demanda para a sua produção uma posição mais retraída da língua. É possível observar que a posteriorização da língua requerida para a produção dessa pronúncia retroflexa não se limita apenas à produção do rótico, mas se estende à articulação de outros segmentos, produzindo sons retroflexos⁹ e conferindo uma qualidade de voz retroflexa ao dialeto em questão. Dessa forma, ao descrever as variações dos fonemas do dialeto caipira, Amaral (1982) aponta a presença do /R/ caipira, tanto intervocálico quanto pós-vocálico. Assim, até mesmo na posição intervocálica, própria do *tap* alveolar, como ocorre no vocábulo **arara**[arara] o autor registra a ocorrência do /R /caipira.

É sabido que muito das características do dialeto caipira, particularmente a qualidade de voz retroflexa desse dialeto, perdeu-se com o passar do tempo. Para Amaral (1982), o desenvolvimento da população, a intensificação do comércio,

⁷ Os genuínos caipiras são descritos por Amaral (1982) como sendo os roceiros ignorantes e atrasados. Assim, com essa denominação, Amaral (1982) procura caracterizar o dialeto do homem do interior paulista, de hábitos simples e voltado ao meio rural.

⁸ Amaral (1982, p.47) assim descreve o /R/, uma das variantes típicas do dialeto caipira: “r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico.” Apesar de não ser denominado como retroflexo, a descrição apresentada, segundo Head (1987), deixa claro que se trata do aspecto retroflexo de articulação. Assim, a realização do /r/ caipira pode se dar através do contato entre a ponta da língua (virada para cima) e o palato ou por uma articulação posterior realizada pelo levantamento do dorso da língua, ou seja, guturalizado. Quanto a essa descrição feita por Amaral (1982), Head (1987) acrescenta que apesar da diferença entre a produção de uma consoante retroflexa (linguopalatal) e de uma consoante gutural, é possível apontar semelhanças entre essas articulações, pois “[...] ambas representam processos de produção num sentido posterior, com realizações mais retraídas do que seriam sem a virada da ponta da língua ou sem o levantamento do dorso.” (HEAD, 1987, p.10).

⁹ Cagliari (1981, p.43) afirma que encontramos sons retroflexos no dialeto paulista e, sobretudo, no dialeto caipira. Em suas palavras: “No dialeto caipira, além da constritiva, não é raro encontrar também sons oclusivos, nasais e laterais retroflexos.”

enfim, o contato da província de São Paulo com outras localidades, entre outras causas, contribuiu para que o dialeto caipira sofresse grandes alterações. Dessa forma, se, em 1982, Amadeu Amaral já indicava que exemplos do dialeto caipira só poderiam ser encontrados em pequenas localidades, o que se percebe atualmente é que uma das marcas que se mantém representativa desse dialeto é a pronúncia do /R/ caipira¹⁰. Essa pronúncia é encontrada no interior paulista e é apontada como típica do falar caipira, “bastante característica para ser notada pelos mais desprevenidos”, nas palavras de Amaral (1982, p.41). Além do dialeto paulista, o /R/ caipira pode, também, ser percebido, ainda que com algumas alterações, na fala da população que reside em estados¹¹ como Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás, como atesta Rodrigues¹² (1974).

Avaliação social, insegurança linguística e estereótipos: gatilhos para a variação e/ou mudança linguística

Entre as muitas indagações não respondidas e que permanecem como objeto de investigação nos estudos linguísticos destacam-se as questões que se referem ao mecanismo pelo qual as línguas mudam, bem como ao processo que conduziu à grande diversidade de línguas que se conhece no mundo atual (LABOV, 1974). No que se refere à variação e mudança linguística, os estudos sociolinguísticos têm mostrado que, longe de ser casual, esse processo é fortemente condicionado por fatores sociais, estilísticos e avaliativos, por exemplo.

Quanto aos fatores avaliativos, Labov (1974, p.50) destaca que estes são complexos, uma vez que os falantes reagem à fala como um todo e dificilmente demonstram consciência a respeito do padrão de fala dos outros. Apesar dessa dificuldade, questiona: “Haverá alguma conexão entre o padrão de desempenho, as atitudes e os julgamentos de valor dos falantes?”

Essa é uma questão que concerne aos objetivos deste estudo. Sendo assim, as conclusões alcançadas por pesquisadores que levam em conta indagações como essas serão retomadas adiante.

¹⁰ Talvez ainda possam ser encontrados exemplos do /R/ caipira – particularmente de sua realização linguopalatal, conforme descreve Amaral (1982) – além de toda a retroflexão que caracterizava a pronúncia dos verdadeiros falantes desse dialeto, no interior paulista, fazendo parte do idioleto de falantes mais velhos. Assim, não pretendemos afirmar que a variante retroflexa que nos dias atuais pode ser apontada como representativa do dialeto paulista tenha as mesmas características da variedade descrita por Amaral (1982).

¹¹ O fato de os falantes realizarem em diversas localidades do país o denominado erre caipira não significa que esses falantes sejam representantes do dialeto em questão. O que pode ser percebido é que apenas um dos traços do dialeto caipira, a realização do /r/ retroflexo, ainda pode ser encontrado como uma variante em alguns dialetos.

¹² Quanto à origem, distribuição geográfica e à vitalidade da pronúncia do /R/ caipira, pode-se dizer que não há um consenso entre os autores. Para uma investigação mais detalhada a esse respeito, vale consultar Amaral (1982), Melo (1946), Rossi (1963), Cunha (1972), Rodrigues (1974), Head (1987), Brandão (1991; 2007), Ferreira e Cardoso (1994), entre outros.

Quando a avaliação social e insegurança linguística desencadeiam a variação

A literatura sociolinguística registra um grande número de pesquisas que retratam a complexidade do sistema linguístico das línguas e a pertinência de tais sistemas à conveniência de seus usuários. Em função dos objetivos deste estudo, três dessas pesquisas serão retomadas e comentadas adiante. Trata-se de três trabalhos representativos: dois deles executados por William Labov, publicados em 1963¹³ e em 1982, e um deles realizado por Peter Trudgill, datado de 1974.

Em *Martha's Vineyard*, uma isolada ilha do estado de Massachusetts, Labov (1972) observou que as mudanças sociais ocorridas naquela comunidade desencadearam uma mudança linguística: a alteração na posição dos primeiros elementos dos ditongos /aj/ e /aw/. Assim, o pesquisador pôde observar que havia duas diferentes pronúncias para as palavras *right* e *house*, por exemplo. Uma das pronúncias é não-prestigiosa e típica dos nativos da ilha ([rɔɪt], [həʊs]) – trata-se da pronúncia centralizada –, enquanto a outra é mais recente ([raɪt], [haʊs]) e se assemelha à pronúncia encontrada em variedades prestigiosas do inglês americano e do inglês britânico, também denominado por *Received Pronunciation* (RP). Para surpresa do pesquisador, as análises dos dados indicavam que havia um aumento no número de ocorrências da pronúncia não-prestigiosa. A pronúncia centralizada, portanto, ocorria com mais frequência e até se tornava exagerada, especialmente em dados de fala de informantes mais jovens, caracterizando a hipercorreção.

A proposta do autor para interpretar essa mudança sonora assenta-se no entendimento das forças sociais que afetam a vida dos viniardenses. A investigação revelou que havia uma distribuição social dos ditongos, de forma que os que desejavam ficar na ilha adotavam uma pronúncia mais centralizada, conservadora e não prestigiosa, enquanto aqueles que desejavam partir e não estabeleciam uma relação tão próxima à ilha e à sua história adotavam a pronúncia valorativa, ou seja, não-centralizada. Portanto, para interpretar a centralização dos referidos sons, propõe, dentre outros fatores, que sejam consideradas questões relacionadas, principalmente, às aspirações sociais e às atitudes subjetivas que os moradores manifestaram diante da vida na ilha, da falta de trabalho e diante dos veranistas. Assim, conclui: “*In summary, we can then say that the meaning of centralization, judging from the context in which it occurs, is positive orientation towards Martha's Vineyard.*” (LABOV, 1972, p.38).

Esse estudo mostra o quanto as diferenças fonéticas podem significar muito mais do que se pode captar apenas através da análise estritamente formal; nesse

¹³ A pesquisa realizada em *Martha's Vineyard* foi inicialmente publicada em 1963. No presente texto, as referências a esse estudo serão feitas a partir da versão dessa pesquisa publicada em Labov (1972).

caso, o exame dos padrões dos formantes que caracterizam a centralização dos ditongos. A linguagem pode ser um fator preponderante na identificação de uma comunidade, no estabelecimento de solidariedade entre os membros de um grupo, bem como para preservação e delimitação dos espaços dos membros desses grupos no momento em que se sentem ameaçados pelo “outro”.

Diferentemente do que ocorreu em *Martha's Vineyard*, é a pronúncia prestigiosa que é almejada pelos nova-iorquinos, como comprova Labov (1982). Entretanto, nem sempre a forma prestigiosa e desejada é aquela que ocorre com frequência na fala dos informantes.

Ao analisar a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque, Labov (1982) mostra que as variantes linguísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas. O /R/ pós-vocálico¹⁴, em final de palavra e pré-consonântico – como em *beer*, *board* – é uma das cinco variáveis fonológicas selecionadas. A investigação realizada pelo referido pesquisador demonstrou que a não realização do /R/ pós-vocálico é referência da fala casual e de baixo *status* social; não sendo essa, portanto, a pronúncia prestigiosa e nem aquela que é requerida para o estilo formal, já que a pronúncia do rótico é a principal manifestação do novo padrão de prestígio que prevalece nessa cidade.

Os padrões de prestígio mudam em função dos acontecimentos sociohistóricos. O estudo de Labov (1982) é, também, um bom exemplo para verificar a reversão ocorrida nos padrões de prestígio de uma determinada variante linguística. Segundo o autor, o dialeto da cidade de Nova Iorque caracterizava-se pela presença do /R/ no século XVIII e tornou-se um dialeto sem o /R/ no século XIX, provavelmente por influência da fala londrina¹⁵. No entanto, desde o período após a segunda guerra mundial¹⁶, tem aumentado o uso do /R/ pós-vocálico na fala da classe média alta devido ao grande fluxo de pessoas que se deslocaram em direção à cidade de Nova Iorque, cuja pronúncia padrão era marcada pela realização do /R/.

A avaliação positiva conferida à pronúncia do /R/ causou, então, um aumento no uso dessa variante entre os falantes da classe média alta, conforme descreve

¹⁴ Foram excluídos os casos em que o /R/ em final de palavra é seguido por palavra iniciada por vogal, assim como as ocorrências em que o rótico é antecedido por vogal central média, como em *her* e *bird*.

¹⁵ Na Inglaterra, os dialetos em que não há a pronúncia do /R/ têm mais prestígio e são considerados mais “corretos” do que aqueles em que não há a pronúncia do rótico. A pronúncia prestigiosa é adotada na mídia e compõe o sotaque do Inglês Padrão, também denominado por RP. Por outro lado, a pronúncia do /R/ pós-vocálico é adotada na televisão e no teatro para caracterizar personagens de origem rural, com pouco nível de instrução e com o intuito de caracterizar personagens cômicos. Em alguns dialetos do inglês americano, bem como da América Central, da Inglaterra, Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, o /R/ pós-vocálico também não é pronunciado, conforme esclarece Trudgill (2000).

¹⁶ Segundo Labov (1972), antes da segunda guerra mundial era a tradição anglófila que dominava nas escolas de Nova Iorque. Com isso, era ensinado às crianças que a pronúncia do /R/ era um traço provinciano e, portanto, a pronúncia adequada para *car*, por exemplo, seria sem o /R/.

Labov (1982). Nesse caso, a mudança processada ocorreu em direção à norma, à forma prestigiosa. Mas, como se sabe, nem sempre esse é o rumo da mudança.

O exame das reações subjetivas dos falantes em relação à pronúncia ou ao apagamento do /R/ final e pré-consonantal (*car*, *card*, etc.) indicou que essas reações são mais uniformes que o desempenho. A análise dos dados mostrou que todos os grupos sociais concordavam que a pronúncia de um /R/ constrictivo em palavras como *car*, por exemplo, era apropriada para contextos mais formais. No entanto, a grande maioria dos nova-iorquinos não pronunciava o /R/, de forma que apenas os falantes da alta classe média mostravam algum grau de pronúncia do rótico na fala casual. Resultados como esses conduziram à seguinte interpretação:

New Yorkers also showed a systematic tendency to report their own speech inaccurately. Most of the respondents seemed to perceive their own speech in terms of the norms at which they were aiming rather than the sound actually produced. (LABOV, 1982, p.336).

Diante de resultados como esse – que se repetiram no estudo de Trudgill (1974) – Labov (1982) propõe que as variações encontradas em comunidades de fala devem ser entendidas como decorrentes das variações pertencentes às avaliações subjetivas e não como flutuações no desempenho dos falantes.

Trudgill (1974) conduziu na cidade de Norwich, na Grã-Bretanha, uma pesquisa em que uma das variantes fonológicas investigadas foi a presença ou ausência do glide [j] em palavras como *tune*, *music*, entre outras, focalizando as duas variantes coexistentes nessa cidade: /ju:/ e /u:/, sendo que /tju:n/ é considerada mais prestigiosa que /tu:n/. Através das gravações dos dados, pôde observar qual variante era mais pronunciada pelos entrevistados e, através do teste de auto-avaliação, verificou qual a opinião dos informantes acerca da sua própria pronúncia. Ao comparar os resultados dos testes com aqueles obtidos através das gravações, observou que havia discrepâncias entre a variante produzida e aquela que julgavam produzir. Os resultados indicaram que, entre os informantes que não usaram o glide, 16% argumentaram que pronunciaram esse segmento, enquanto 84% afirmaram o contrário. Por outro lado, entre os informantes que, realmente, pronunciaram o glide, 60% admitiram essa pronúncia, ao passo que 40% deles acreditavam não pronunciá-la. Através desse resultado, concluiu que 16% dos que pronunciavam a variante “desvalorizada” tendiam a superavaliar a própria pronúncia, enquanto que 40% dos entrevistados que realizavam a pronúncia tida como “prestigiosa” subavaliavam essa pronúncia. Com isso, concluiu Trudgill (2000, p.76): “*Speakers, that is, report themselves as using the form at which they are aiming and which has favourable connotations for them, rather than the form they actually use. (No conscious deceit is involved, it seems).*”

Essas avaliações – que não correspondem aos aspectos linguísticos proferidos, mas sim às normas almejadas por cada falante – denotam uma grande insegurança linguística. Segundo Labov (1972), além da percepção inexata de sua própria fala, indícios de insegurança linguística são identificados quando há grande oscilação na variação estilística e quando há hipersensibilidade a traços estigmatizados por parte dos falantes. Para ilustrar a profunda situação de insegurança linguística observada em Nova Iorque, segue o seguinte trecho:

In general, New Yorkers show a strong dislike for the sound of New York City speech. Most have tried to change their speech in one way or another, and would be sincerely complimented to be told that they do not sound like New Yorkers. Nevertheless, most of the respondents have been identified by their speech as New Yorkers whenever they set foot outside of the metropolitan area. They firmly believe that outsiders do not like New York City speech, for one reason or another. Most New Yorkers show a strong belief in correctness of speech, and they strive consciously to achieve such correctness in their careful conversation. (LABOV, 1972, p. 132).

Mudanças na avaliação dos falantes podem ser a causa e não o efeito de uma mudança nos padrões da fala. Assim, aspectos linguísticos avaliados positivamente podem ser evidenciados, imitados, tomados como formas padrão pelos membros de uma comunidade de fala, por exemplo. É preciso estar atento a essas questões quando se quer entender, e não apenas diagnosticar, a variação linguística.

Estereótipos linguísticos: outro estágio na avaliação das variáveis linguísticas

Nem todas as variáveis linguísticas envolvidas na variação e/ou mudança linguística em uma comunidade de fala são prestigiosas e nem todas são avaliadas da mesma maneira. Segundo Labov (1974, 1972), as informações advindas das avaliações sociais dessas variáveis linguísticas podem ser empregadas para classificá-las em três categorias: indicadores, marcadores e estereótipos.

Os indicadores são os traços linguísticos que refletem a variação social (idade, grupo social), mas, geralmente, não mostram variação estilística e têm pouco efeito sobre o julgamento do ouvinte quanto ao *status* social do falante. Os marcadores são os traços que mostram tanto variação social quanto estilística e têm efeitos consistentes sobre o julgamento consciente ou inconsciente do ouvinte sobre o *status* do falante, enquanto os estereótipos são os tópicos externos de impacto social na comunidade de fala, rotulados socialmente e que podem, ou não, corresponder ao comportamento linguístico real.

Apesar de serem estigmatizados, os traços linguísticos estereotipados podem ser muito resistentes e duradouros. Labov (1972) lembra que a difusão desses traços pode se dar em direção a vários sentidos e demanda um considerável espaço de tempo – o que possibilita que, no intervalo de tempo transcorrido, muitas mudanças sociais possam ocorrer, podendo impulsionar ou deter tal propagação. Caso haja uma forte reação social contra esses traços linguísticos, essa reação pode desencadear um rápido processo de eliminação e, conseqüentemente, desaparecimento dos mesmos. Por outro lado, caso o grupo ou comunidade de fala que faça uso de tais traços passem a ser avaliados positivamente, e obtenham notoriedade na sociedade, o movimento contrário pode ocorrer, e o traço linguístico antes estigmatizado pode se tornar alvo de avaliações positivas, chegando mesmo a ser copiado. A respeito da propagação desses traços no sistema linguístico, o autor observa que:

As the original change acquires greater complexity, scope, and range, it comes to acquire more systematic social value, and is restrained or corrected in formal speech (a marker). Eventually, it may be labeled as a stereotype, discussed and remarked by everyone. The future prospects of this stereotype depend upon the fortunes of the group it is associated with. If the group moves into the mainstream of society, and is given respect and prominence, then the new rule may not be corrected but incorporated into the dominant dialect at the expense of the older form. If the group is excluded from the mainstream of society, or its prestige declines, the linguistic form or rule will be stigmatized, corrected, and even extinguished. (LABOV, 1972, p.320).

As avaliações sociais a respeito do /R/ caipira permitem a classificação dessa variável como pertencente à categoria estereótipo. Trata-se do último patamar na escala avaliativa proposta por Labov (1972).

Antes de proceder à análise dos dados, apresentam-se, adiante, exemplos da larga estereotipização do rótico no dialeto paulista.

Estigma e estereótipos acerca do dialeto caipira, do /R/ caipira e do /R/ “intermediário”

O /R/ denominado caipira é largamente estereotipado no dialeto paulista, como atestam as pesquisas realizadas por Amaral (1982), Head (1973, 1978), Leite (2004, 2010), Castro (2006), entre outras.

Já em 1920, Amadeu Amaral ressaltava a forma pejorativa pela qual era avaliado o dialeto caipira e, conseqüentemente, os aspectos linguísticos típicos desse dialeto, entre os quais se destaca o /R/, ao qual denominava “caipira”. O falar

caipira, avaliado como distinto e inconfundível, era estigmatizado e considerado um vício de linguagem. Como era considerado um vício¹⁷, havia a preocupação com a possibilidade de difusão desse traço linguístico que deveria ser evitado, pois mesmo as pessoas bem educadas poderiam ser corrompidas sob a sua influência. Evidências dessa preocupação podem ser notadas através da seguinte afirmação de Amaral (1982), ao relatar que havia certa apreensão em relação ao estabelecimento dos cursos jurídicos em São Paulo devido à influência do falar caipira. Segundo o autor:

Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios *vícios* de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país [...] (AMARAL, 1982, p.41).

As pesquisas desenvolvidas por Head (1973, 1978) discutem a estigmatização do /R/ caipira. No primeiro estudo, o autor afirma que o decréscimo na frequência relativa de ocorrências desse segmento estava relacionado ao aumento do grau de reflexão. Assim, no estilo de fala monitorada, entre informantes de uma mesma classe socioeconômica e faixa etária, havia menor número de realizações do rótico, o que confirma o caráter estigmatizado dessa pronúncia. No segundo estudo, esses resultados são confirmados e acrescidos das seguintes considerações: (i) os informantes de áreas urbanas apresentam uma maior diminuição na frequência da variante estigmatizada, se comparados aos informantes rurais; (ii) a variação na frequência do /R/ é maior nas cidades do que nas áreas rurais e (iii) são os informantes de áreas urbanas e mais favorecidos economicamente que revelam maior sensibilidade em relação ao caráter estigmatizado do /R/ caipira, quando comparados aos informantes de classes desfavorecidas e/ou áreas rurais.

Leite (2004), por sua vez, também demonstra a ampla estigmatização e estereotipização acerca do /R/ do dialeto caipira tanto em dados coletados junto a informantes naturais da cidade de São José do Rio Preto (SP) quanto em propagandas televisivas. Nesses dados, ao referido segmento são atribuídos os seguintes rótulos, sempre negativos: “feio”, “marcado”, “puxado”; além da designação “pronúncia carregada”.

¹⁷ Amaral (1982, p.41) traz uma citação de autoria de Joaquim M. de Macedo, em que este afirma que o magistrado José Antônio Pimenta Bueno, o Marquês de São Vicente (Santos, 4 de dezembro de 1803 – 19 de fevereiro de 1878) tinha “vícios desagradáveis de pronúncia” devido “ao desmazelo e maus costumes” e não a nenhum defeito nos órgãos da fala. Esse magistrado, natural do interior paulista, foi aluno da primeira turma da Faculdade de Direito de São Paulo. Macedo observa, ainda, que, apesar das particularidades da pronúncia do magistrado “falando na tribuna, impunha silêncio, obrigava a atenção...”.

Além dessas designações atribuídas ao rótico, os dados coletados via enquete indicam uma pronúncia menos marcada, designada como “intermediária”. Essa seria mais uma crença estereotipada ou haveria, de fato, uma variação em progresso já percebida pelos informantes mais sensíveis às questões linguísticas?

Os estudos da psicologia social selecionados por Hewstone e Giles (1997) demonstram que os estereótipos são mais facilmente noticiados, guardados na memória e ativados se comparados com a evidência que os contradiz. Também geram expectativas e aqueles que os percebem parecem querer que as expectativas se confirmem. Por isso, afirma:

People tend to see behaviour that confirms their expectancies, even when it is absent. When stereotypes set up expectations of behaviour, disconfirming evidence tends to be ignored, but confirming evidence remembered. (HEWSTONE; GILES, 1997, p.276).

Essas características dos estereótipos se somam a outra: “*stereotypes become self-fulfilling prophecies*”, como afirmam Snyder, Tanke e Berscheid (1977)¹⁸. Conforme definição de Watzlawick (1994, p.97), “[...] uma profecia que se autocumpra é uma suposição ou vaticínio que tão-só por ter sido feito converte em realidade o evento suposto, esperado ou profetizado, e dessa forma confirma sua própria ‘exatidão’.” Trata-se, portanto, de uma assertiva inicialmente falsa que evoca um novo comportamento, este sim capaz de tornar verdadeira essa formulação inicial.

Os estereótipos apresentam uma dinâmica de autojustificação e autopropetuação que conduz aqueles que são objetos da estereotipia a comportarem-se de forma a corresponderem à imagem estereotipada que deles se tem. Essa dinâmica é atestada em diversos estudos conduzidos pelas ciências humanas, especialmente pela psicologia social, tais como o estudo de Snyder, Tanke e Berscheid (1977). Esses estudos retratam, também, que o pensamento de causa-efeito tradicional não é obedecido¹⁹ quando se trata de profecia que se autocumpra. A propósito dessa questão, Watzlawick (1994) afirma que:

¹⁸ Nesse estudo, os autores demonstraram que estereótipos podem se transformar em profecias que se autocumprem. O experimento consistia em observar o comportamento de um grupo de homens que iniciavam uma conversa telefônica com várias mulheres depois de terem visto uma suposta foto delas: em algumas fotos eram mostradas mulheres bastante atrativas e, em outras, mulheres não tão atrativas. Os homens que julgavam que estavam falando com mulheres atraentes eram mais sociáveis, calorosos e extrovertidos. Por sua vez, as mulheres tomavam-se, elas também, mais sociáveis, animadas e confiantes. Segundo os autores, os estereótipos podem criar a sua própria realidade social, de tal forma que nas interações sociais o estereótipo dos homens que faziam parte do experimento era confirmado pelo comportamento do alvo estereotipado (a mulher). Afirmando, então, que a pessoa fisicamente atraente pode comportar-se de uma forma simpática e agradável, não por possuir realmente essas características, mas porque o comportamento dos outros desencadeia e mantém comportamentos considerados como manifestações desses traços.

¹⁹ Exemplos do fracasso da linearidade da relação causa-efeito são apresentados por Watzlawick (1994). O autor afirma que a inversão do fluxo temporal dessa relação pode ocorrer quando se trata de profecias que

[...] um ato decorrente de uma profecia que se autocumpre cria primeiro as condições para que ocorra o evento esperado, e nesse sentido forja exatamente uma realidade que não se produziria sem aquele [ato]. Tal ato, portanto, nem é verdadeiro nem falso: simplesmente cria uma situação e, com ela, sua própria “verdade”. (WATZLAWICK, 1994, p.98-99).

Os estudos descritos acima, assim como aqueles citados por Watzlawick (1994) e Hewstone e Giles (1997), por exemplo, indicam como os indivíduos colocam os estereótipos em ação e como esses estereótipos podem se transformar em uma profecia que se autocumpre. Entretanto, só muito poucas profecias se cumprem, explica Watzlawick (1994). Segundo o autor, apenas quando se crê numa profecia de tal forma que esta possa alcançar “o futuro” é que ela pode influir no presente e, então, se confirmar. Nas palavras do autor: “Ausente esse fator crença, esse fator convicção, falta também o efeito.” (WATZLAWICK, 1994, p.101).

Considerando que os estereótipos exercem um importante papel no que se refere à manutenção, à variação e à mudança das línguas, e que o /R/ caipira é claramente estereotipado, buscamos verificar quais variantes do rótico ocorrem em posição de coda silábica nos dados de fala dos campineiros entrevistados e investigar quais juízos de valor são atribuídos a essas variantes. O estigma atribuído ao /R/ caipira será determinante para impulsionar a variação e o consequente desaparecimento desse segmento? E quanto à imagem estereotipada em relação ao falar “intermediário” do campineiro, ela se confirmará?

Antes de prosseguir à análise dos dados, segue, na próxima seção, uma descrição dos procedimentos metodológicos empregados na execução da pesquisa que originou este trabalho.

Caracterização e descrição acústica dos dados

Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que as semelhanças entre os róticos podem ser mais de ordem acústica e auditiva do que articulatória. Acrescentam que não é o modo nem o ponto de articulação que definem a classe dos róticos,

se autocumprem. A passagem seguinte pode esclarecer essa afirmativa: “Em março de 1979 os jornais da Califórnia passaram a difundir notícias espalhafatosas sobre uma iminente redução no abastecimento da gasolina. Os motoristas californianos se precipitaram aos postos para encher os tanques. O abastecimento de 12 milhões de tanques (75% dos quais, aproximadamente, estavam vazios naquele momento) esgotou as enormes reservas do produto, e da noite para o dia provocou a escassez prevista; por outro lado, no afã de encher a maior quantidade de tanques possível (em vez de mantê-los quase vazios, como até então), formaram-se longas filas de carros, e a população ficava horas esperando diante dos postos: com isso aumentou o pânico. Logo depois, acalmados os ânimos, verificou-se que o abastecimento e a distribuição de gasolina do estado da Califórnia não tinham sofrido nenhuma redução.” (WATZLAWICK, 1994, p.98) O autor argumenta que exemplos como esse mostram o quanto um evento futuro pode determinar efeitos no presente.

pois segmentos de diferentes articulações, como dorsais e coronais, por exemplo, estão agrupados como róticos. Dessa forma, esclarecem: “[...] *most important as evidence that they belong in a single class, at least from a phonological point of view, is the fact that rhotics of one type often alternate with other rhotics.*” (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p.216).

Róticos e vogais se assemelham, conforme Ladefoged e Maddieson (1996), por apresentarem variantes silábicas ou por se fundirem (coarticularem) com vogais contíguas. Os autores apresentam, ainda, outra evidência dessa similaridade ao mencionarem que nas línguas germânicas – dinamarquês e sueco – as vogais seguidas do rótico tendem a ser alongadas, além de terem a qualidade “colorida” pelo rótico seguinte, apresentando, portanto, modificações acústicas. Ao final, concluem:

Thus, the rhotics form a heterogeneous group from the phonetic point of view, exhibiting a wide variety of manners and places of articulation. We find rhotics that are fricatives, trills, taps, approximants, and even ‘r-colored’ vowels, as well as articulations that combine features of several of these categories. The most common places of articulations are in the dental-alveolar area, although post-alveolar (retroflex) /r/’s are not unusual, and in some languages /r/’s have a uvular articulation. (LADEFOGED; MADDIESON, 1996 p.217).

As vogais coloridas pelo r (*r-colored vowels*) a que Ladefoged e Maddieson (1996) se referem são observadas por Ladefoged (2001) no inglês americano. Este autor afirma que essas vogais invocam um traço adicional chamado rotacização, uma vez que os traços: alto (*high*)/ baixo (*low*), anterior (*front*)/ posterior (*back*) e arredondado (*rounded*)/ não arredondado (*unrounded*) não são suficientes para descrevê-las. Ladefoged (2001) define uma vogal rotacizada como se segue:

Rhotacization is an auditory quality, which, like height and backness, is most appropriately defined in acoustic terms. In a rhotacized vowel (or portion of a vowel) there is a marked lowering of the frequency of the third formant. (LADEFOGED, 2001, p.212).

Os róticos formam uma classe de sons com um grande número de diferenças fonéticas e apresentam frequências de formantes²⁰ relacionadas aos pontos de

²⁰ Os formantes são picos de energia acústica que representam as frequências de ressonância do ar no trato vocal e são denominados como F₁, F₂, F₃, etc., iniciando a partir da menor frequência de ressonância, segundo Ladefoged (2001). A estrutura formântica é o principal traço dos sons da fala. Todas as vogais e algumas consoantes têm formantes e é o padrão dos formantes (especialmente a disposição dos dois primeiros formantes) que nos habilita a diferenciar vogais ou a reconhecer repetições de uma vogal e a classificá-la, mesmo que sejam produzidas por diferentes falantes.

construção no trato vocal. Lindau (1980a) discute algumas diferenças fonéticas entre várias línguas nigerianas abordando a classe dos róticos, implósivas e vogais. Ao descrever os sons de **r**, afirma que o primeiro e o segundo formantes parecem refletir a qualidade da vogal que ladeia esse segmento, enquanto o terceiro e quarto formantes são indicadores importantes do ponto de construção nesse tipo de som. No que se refere a essa descrição, a autora chama a atenção para o correlato acústico que se tem quando ocorre uma construção em uma região mais posterior ou mais anterior do trato vocal:

According to acoustic theory, a lowered third formant, close to the second formant, indicates a constriction fairly far back in the postalveolar-midpalatal region with strong retroflexion. This happens in Izon. As the constriction moves forward in the mouth the third formant increases. A relatively high third formant, close to the fourth formant indicates a dental place, as happens in the Kalabari example. (LINDAU, 1980a, p.107).

A pesquisa de Lindau (1980a) indica que o abaixamento de F_3 é característico apenas dos róticos produzidos na região pós-alveolar, apresentando, assim, uma grande retroflexão. Por outro lado, os róticos produzidos em uma região mais anterior do trato vocal, em relação a essa área mediana do palato (*mid palate area*), apresentam uma elevação de F_3 e não um abaixamento.

Em inglês e espanhol, segundo Lindau (1980b), é possível verificar, acusticamente, um abaixamento de F_3 para a realização dos róticos²¹. No entanto, o abaixamento de F_3 não é uma característica dos róticos em outras línguas. Segundo a autora, nas realizações do *tap* e da aproximante referente à fala de falantes da língua degema, originária da Nigéria, não era verificado um abaixamento de F_3 , mas sim uma elevação, de forma que o terceiro formante apresentava-se próximo do quarto formante.

Através desses estudos, Lindau (1980b) aponta para o fato de que um abaixamento do terceiro formante pode ser obtido por retroflexão e por uma construção na região palatal pós-alveolar. Esse abaixamento pode, ainda, ser produzido com a ponta da língua abaixada e por uma construção na faringe. Os estudos também confirmam o fato de que o arredondamento dos lábios contribui para o abaixamento de F_3 .

Ao final, as pesquisas de Lindau (1980a, 1980b) indicam que as relações de semelhança ou de parentesco é que podem agrupar a classe dos róticos, antes mesmo que uma característica acústica. Dessa forma, vibrantes e *taps* assemelham-se quanto à duração do fechamento, vibrantes apicais e uvulares

²¹ Lindau (1980b) aponta um abaixamento de F_3 na realização de *trills* (vibrantes), *taps* e aproximantes.

assemelham-se no que se refere ao padrão rápido e consecutivo das vibrações, *taps* apicais e aproximantes apresentam semelhanças em relação à escala articulatória de fechamento e talvez em relação à posição do terceiro formante; enquanto vibrantes uvulares e fricativas uvulares apresentam padrões de formantes parecidos. Em suas palavras:

Thus there is no physical property that constitutes the "essence" of all rhotics. Instead, each member of the class of r-sounds resembles some other member with respect to some property, but not with respect to the same property across all r-sounds. (LINDAU, 1980b, p.118).

As similaridades entre os róticos devem-se muito mais a razões acústicas ou auditivas do que articulatórias, pois há uma grande abrangência em relação aos modos e pontos de articulação que envolvem tais segmentos.

Considerando os parâmetros acústicos descritos pelos teóricos acima relatados, seguem, adiante, os critérios metodológicos adotados e os resultados e discussão de parte dos dados que compõem o corpus deste trabalho.

Procedimento metodológico

O corpus da pesquisa que originou este trabalho é composto por dados de doze informantes naturais de Campinas. As variáveis sociais consideradas para seleção dos informantes foram: sexo, faixa etária e grau de escolaridade, selecionadas da seguinte maneira:

- (i) Sexo: feminino e masculino;
- (ii) Faixa etária: (1) 20 a 30 anos; (2) 37 a 47 anos; (3) acima de 54 anos de idade. Foi estipulado um intervalo de sete anos entre as faixas etárias;
- (iii) Grau de escolaridade: médio e superior, concluído ou em curso.

As características dos informantes apresentam-se resumidas no quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Descrição dos informantes conforme variáveis sociais selecionadas

Informante	Gênero	Faixa Etária/Idade	Escolaridade
MC	F	1/ 23 anos	M
GP	M	1/ 20 anos	M
CL	F	2/ 47 anos	M
JC	M	2/ 46 anos	M
LH	F	3/ 54 anos	M
JP	M	3/ 56 anos	M
TG	F	1/ 20 anos	S
OE	M	1/ 29 anos	S
LB	F	2/ 37 anos	S
EG	M	2/ 37 anos	S
JB	F	3/ 56 anos	S
AL	M	3/ 68 anos	S

Fonte: Elaboração própria.

Para este trabalho, serão considerados os dados de nove dos doze informantes²². Também serão considerados, apenas os dados que refletem o padrão geral de configuração das variantes encontradas. Sendo assim, não serão exploradas as diferenças em função das variáveis sociais elencadas acima²³.

O *design* experimental, composto por palavras reais e por pseudopalavras, foi elaborado com o objetivo de obter os mesmos contextos para a sequência CVR (consoante, vogal, rótico) em posição de coda medial /*t*V.R.CV/ e final /CV.*t*V.R/. As palavras selecionadas, conforme quadro 2 abaixo, foram inseridas na frase-veículo: “diga _____ pra ela” e em sentenças. As palavras e frases foram lidas por cada informante em 3 repetições.

²² As variantes encontradas nos dados dos doze informantes foram divididas em duas amostras: amostra 1 e amostra 2. A amostra 1 contém os dados de nove informantes coletados através de leituras de palavras e sentenças e a amostra 2 é composta de dados coletados mediante entrevistas de todos os informantes – doze. Neste trabalho serão apresentados os dados da amostra 1. Para outros esclarecimentos acerca da totalidade dos dados, ver Leite (2010).

²³ Para maiores informações acerca dessas diferenças, vale consultar Leite (2010).

Quadro 2 – Palavras e pseudopalavras selecionadas para compor o *design* experimental

Vogais	Coda Medial /ˈtVR. CV/	Coda Final /CV. tVR/	Vogal em sílaba CV
/a/	Tarto	Qatar ²⁴	Pato
/e/	Terto	Bater	Beco
/i/	Tirto	Tatir	Tipo
/o/	Torto	Tutor	Toco
/u/	Turta	Tutur	Tuço

Fonte: Elaboração própria.

A gravação dos dados foi realizada em uma sala acusticamente tratada no Estúdio de Gravação do Instituto de Estudos Linguagem (IEL/Unicamp). A captação dos dados foi feita através de um microfone AKG, modelo 420 PP *headset*, conectado a uma placa de som externa com pré-amplificação da M-Audio, modelo MobilePre Usb. Essa placa foi conectada a um computador portátil Toshiba, modelo M-45 Satellite, de última geração. Para a gravação, foi utilizado um *software* livre de gravação e edição de áudio, o Audacity, a uma taxa de amostragem de 22050 Hz e resolução de 24 bits, digitalizado em PCM (*Pulse Code Modulation*).

Os dados foram transcritos²⁵, segmentados manualmente e analisados com o auxílio do *software* Praat. Os parâmetros adotados para a análise acústica basearam-se na frequência dos três primeiros formantes da sequência VR (em três posições – PI, PM e PF²⁶). As frequências dos três primeiros formantes foram aferidas a partir dos algoritmos FFT (*Fast Fourier Transformation*) e LPC (*Linear Predictive Coding*), sobrepostos. Os valores obtidos através dessas análises foram submetidos à análise acústica. Os resultados encontrados a partir da análise acústica são apresentados adiante.

²⁴ Refere-se ao país árabe, conhecido oficialmente como um emirado do Oriente Médio.

²⁵ De acordo com Marcuschi (1986).

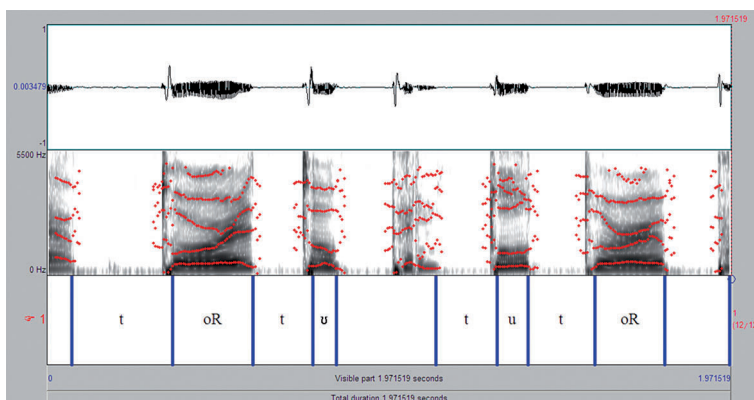
²⁶ As frequências formânticas dos róticos são difíceis de serem aferidas. Em se tratando dos róticos aproximantes e das vogais rotacizadas, as dificuldades são maiores, uma vez que estes se apresentam coarticulados às vogais que os antecedem. Em função dessa interação, estabeleceu-se uma estratégia metodológica para aferir os valores das frequências dos formantes com o intuito de contemplar pontos importantes na trajetória VR, com o objetivo de delimitar a vogal e o rótico. Sendo assim, a trajetória foi subdividida em três posições – posição inicial (PI), medial (PM) e final (PF) – das quais foram obtidos os valores das frequências dos formantes. Para maiores detalhes, consultar Leite (2010).

Resultados e discussão

A variante mais frequente no dialeto campineiro é o /R/ caipira. Essa variante é estigmatizada e avaliada negativamente por grande parte dos informantes entrevistados.

A análise acústica das 540 repetições²⁷ do /R/ em coda silábica medial e final revelou a predominância da variante /R/ caipira, tanto na fala de informantes circunscritos na faixa etária 1 quanto para aqueles localizados na faixa etária 3. O /R/ caipira apresenta F3 baixo (cuja média em coda medial é de 2096 Hz e em coda final é de 2070 Hz) em posição medial ou final, mesmo quando ocorre depois de vogais anteriores. Como exemplo das realizações dessa variante, seguem, abaixo, os espectrogramas²⁸ 1 e 2. No primeiro espectrograma (em que se encontram concatenadas as realizações de duas palavras: “torto” e “tutor”), verifica-se a ocorrência da variante depois de vogais posteriores enquanto no segundo espectrograma (em que se encontram duas palavras concatenadas: “terto” e “tutor”) é possível visualizar a realização do /R/ caipira depois de vogal anterior e posterior.

Figura 1 – Espectrograma TG 1: “torto” e “tutor” concatenados

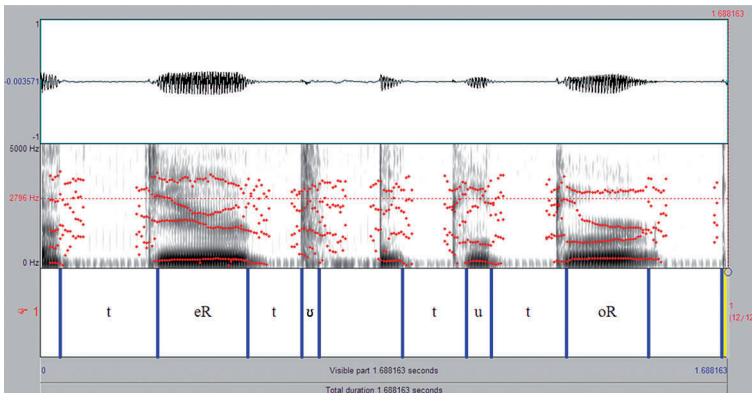


Fonte: Elaboração própria.

²⁷ Esse número corresponde ao total de ocorrências do /R/ nos dados de nove informantes – foram descartados os dados de três dos informantes em função das variantes encontradas. As 60 repetições do /R/ para cada informante (sendo 30 em coda medial e 30 em coda final) distribuem-se em função das cinco vogais selecionadas, conforme ilustra o quadro 2.

²⁸ Os espectrogramas trazem dados de três informantes: TG, GP e LB, já descritos no quadro 1.

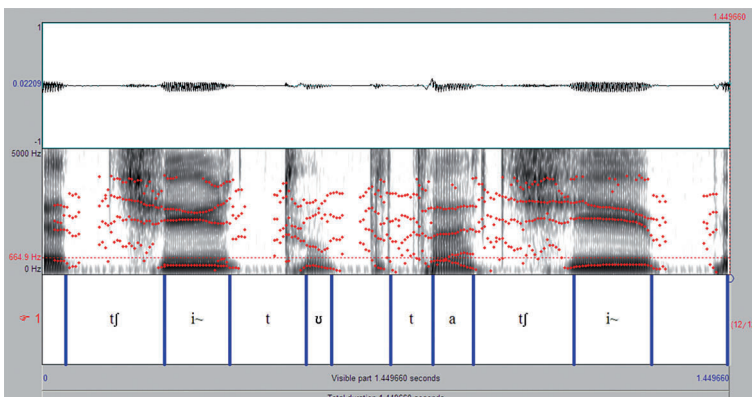
Figura 2 – Espectrograma GP 1: “terto” e “tutor” concatenados



Fonte: Elaboração própria.

Além do /R/ caipira, foi encontrada nos dados a ocorrência da variante vogal rotacizada. Entre as características da vogal rotacizada elencadas por Ladefoged e Maddieson (1996) e por Ladefoged (2001), apenas a primeira delas está presente nos dados analisados, qual seja: F3 baixo²⁹. A segunda característica, que corresponde à qualidade da rotacização presente desde o início da vogal, não é encontrada em todas as ocorrências classificadas neste estudo como vogais rotacizadas, pois o que prevalece é a qualidade da vogal, e não do rótico. A figura 3, abaixo, ilustra a ocorrência dessa variante:

Figura 3 – Espectrograma LB 1: “tirtu” e “tatir” concatenados

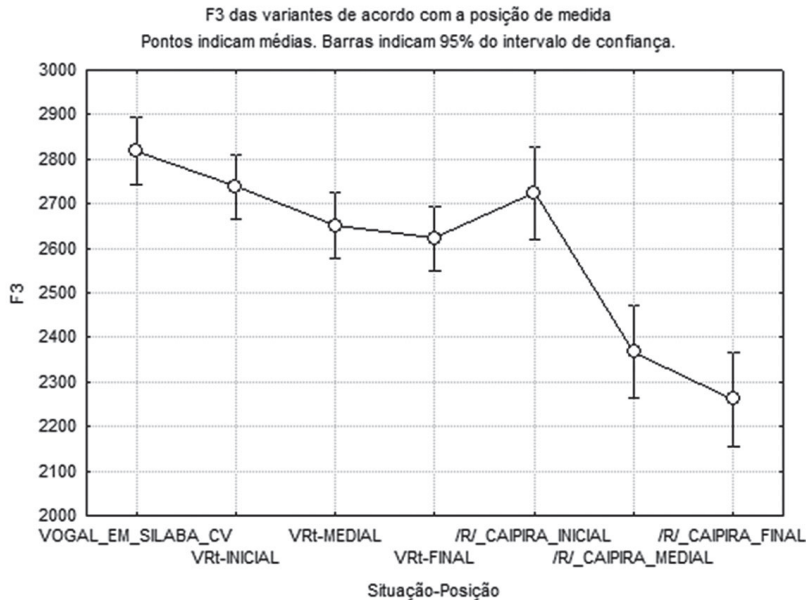


Fonte: Elaboração própria.

²⁹ Seria adequado dizer que o valor de frequência do F3 é relativamente baixo, pois não é tão baixo quanto aquele que se observa para a variante /R/ caipira.

Na análise estatística das médias das frequências dos formantes do /R/ caipira, VRt (vogal rotacizada) e vogal em sílaba CV, o teste Kruskal-Wallis indicou diferença estatisticamente significativa na soma de postos de F1 e F3. Por se tratar de uma trajetória, é a posição final que mais interessa observar. As médias de frequência de F1 em posição final encontradas para VRt se situam entre as médias encontradas para o /R/ caipira e entre aquelas que correspondem à vogal em sílaba CV. Quanto ao F3, formante que melhor caracteriza o /R/ caipira, a análise localizou diferenças estatisticamente significativas entre as variáveis comparadas (que correspondem ao F3 do /R/ caipira, da vogal em sílaba CV e de VRt, ou vogal rotacizada). As menores médias de frequência do terceiro formante foram aquelas correspondentes à posição final da variante /R/ caipira, seguido pela posição final de VRt e, por fim, a vogal em sílaba CV. Se, auditivamente, a qualidade do rótico não era percebida desde o início da trajetória, os resultados obtidos através das médias de frequência de F3 mostram que, desde a posição inicial, a frequência da VRt é inferior àquela encontrada para a vogal em sílaba CV. É possível verificar, também, que as médias de frequência de VRt, em todas as posições, são superiores às médias da variante /R/ caipira. A figura 4 ilustra esses resultados.

Figura 4 – Médias de frequência do F3 em PI, PM e PF para a vogal em sílaba CV, VRt e /R/ caipira



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados alcançados nesta pesquisa mostram que há variação linguística do rótico e que a variante mais frequente é o /R/ caipira. Esse resultado contraria a alegada existência de um /R/ característico do falar campineiro.

A análise acústica dos dados mostrou que é o /R/ caipira que eles produzem, mesmo quando procuram estabelecer distinções entre as formas de pronúncia do rótico. Assim, há uma contradição entre a afirmação encontrada na maioria dos depoimentos e a pronúncia do rótico emitida por esses informantes. Pode-se dizer que essa contradição é apenas aparente, pois os falantes costumam se referir às formas linguísticas que consideram prestigiosas socialmente e não àquelas que, de fato, fazem parte do seu repertório linguístico. Os informantes campineiros se veem como se produzissem a pronúncia que julgam prestigiosa. Esse resultado confirma a segunda hipótese desta pesquisa.

Apesar da estereotipização acerca do /R/ caipira no dialeto paulista, essa pronúncia mantém-se ativa no falar campineiro. Não se pode esquecer que os estereótipos exercem uma grande influência em relação à manutenção ou mudança linguística e que uma das principais características atribuídas a eles diz respeito à persistência, rigidez e resistência à mudança. Sendo assim, os estereótipos agregados ao /R/ caipira tendem a se manter ativos. Mas, há que lembrar, também, que outra crença estereotipada é encontrada nos depoimentos dos informantes: aquela que atribui ao falar campineiro uma pronúncia intermediária.

As opiniões estereotipadas também exercem um papel muito importante na sociedade, uma vez que resguardam o homem de enxergar a realidade quando esta é perturbadora e desconcertante, como afirma Lippmann (2008). Assim, pode-se argumentar que essa crença, relacionada a uma pronúncia suave, intermediária ou menos marcada, funciona como um escudo, que protege aqueles que se abrigam sob ele. Não é à toa que se sustenta esse estereótipo, pois, uma vez mantido, passa a funcionar como defesa da posição que se quer assegurar na sociedade: no caso da maioria dos campineiros, estabelecer um limite entre Campinas – a capital do interior – e as demais cidades do interior paulista. As questões relacionadas a essa temática, que estão estreitamente relacionadas ao aspecto linguístico que aqui se discute, serão retomadas futuramente em outras pesquisas.

Considerações finais

Em depoimento, os informantes afirmam que o /R/ campineiro distingue-se do rótico característico do dialeto paulista – o /R/ caipira – por ser mais suave ou “intermediário”. Entretanto, a análise acústica desses dados mostrou que é o /R/ caipira que eles produzem, mesmo quando procuram estabelecer distinções entre as formas de pronúncia do rótico. Assim, há uma contradição entre a afirmação

encontrada na maioria dos depoimentos e a pronúncia do rótico emitida por esses informantes. Pode-se dizer que essa contradição é apenas aparente, pois os falantes costumam se referir às formas linguísticas que consideram prestigiosas socialmente e não àquelas que, de fato, fazem parte do seu repertório linguístico. Os informantes campineiros se veem como se produzissem a pronúncia que julgam prestigiosa. Esse resultado confirma a segunda hipótese desta pesquisa.

LEITE, Cândida Mara Britto. Study of the linguistic variation of rhotics in Campinas native accent. **Alfa**, São Paulo, v.59, n.1, p.129-155, 2015.

- **ABSTRACT:** *This article presents the results of a research study that investigated a variation in a linguistic segment of the Campinas native accent found in the city of Campinas, SP, Brazil: the /R/ in the syllabic coda position. The hypothesis that guided this research is that the rhotic in the Campinas native accent is in a more advanced state in relation to its attenuation than in speech in other towns in the interior of São Paulo state, causing it to be either vocalized or erased. This attenuation would account for the auditory impression of the study's informants, who believe they utter a variation of /R/ assessed as 'intermediate' and which they view as proper to Campinas native accent. The selected corpus comprises data collected from twelve informants from the interior of the state of São Paulo. The data were recorded and analyzed acoustically and statistically. The theoretical foundation adopted was that of Fant's Acoustic Theory of Speech Production (1960) in conjunction with a sociolinguistic framework. The results show that there is linguistic variation of the rhotic and that the most frequent variety is the caipira /R/. These findings contradict the alleged existence of an /R/ characteristic of Campinas native accent.*
- **KEYWORDS:** *Linguistic variation. Rhotics. Acoustic phonetics.*

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, D.; COLLISHONN, G. (Org.). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária: UFPB, 2003. p.144-180.

AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 1982.

BONET, E.; MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do -r retroflexo. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v.10, n.2, p.265-283, 2007.

_____. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. 185f. Tese (Livre Docência) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). **Gramática do português falado**. v.VIII. Campinas: Ed. da UNICAMP: FAPESP, 2002. p.537-555.

CANO, W.; BRANDÃO, C. A. (Coord.). **A região metropolitana de Campinas: urbanização, economia, finanças e meio ambiente**. v.2. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.

CASTRO, V. S. **A resistência de traços do dialeto caipira**: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros. 2006. 285f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CUNHA, C. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

DUBOIS, J. et. al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

FANT, G. **Acoustic theory of speech production**. 2.ed. The Hague; Paris: Mouton, 1970.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

HARRIS, J. Flaps, trills, and syllable structure in Spanish. **MIT Working Papers in Linguistics**, Cambridge, MA, v.42, p.81-108, 2002.

_____. **Spanish phonology**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1969.

HEAD, B. F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “r caipira”. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.13, p.5-39, 1987.

_____. Subsídios do atlas prévio dos falares baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.1, p.21-34, 1978.

_____. O estudo do “r-caipira” no contexto social. **Revista de Cultura Vozes**, [s.l.], v.67, n.8, p.43-49, 1973.

HEWSTONE, G.; GILES, H. Social groups and social stereotypes. In: COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. (Org.). **Sociolinguistics: a reader**. New York: St. Martin's Press, 1997. p.271-283.

LABOV, W. **The stratification of English in the New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1982.

_____. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística**, Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p.49-85.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

LADEFOGED, P. **A course in phonetics**. 4.ed. New York: Harcourt College Publishers, 2001.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. Rhotics. In: LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996. p.215-245.

LEITE, C. M. B. **O /R/ em coda silábica no falar campineiro**. 2010. 225f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____. **Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco**. 2004. 149f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LINDAU, M. Phonetic differences in Nigerian languages. **UCLA Working Papers in Phonetics**, Los Angeles, n.51, p.105-113, 1980a.

_____. The Story of /ɾ/. **UCLA Working Papers in Phonetics**, Los Angeles, n.51, p.114-119, 1980b.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Trad. J. A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MELO, G. C. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.

ROSSI, N. et al. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Ed.). **The structure phonological of representations: part II**. Dordrecht: Foris, 1982. p.337-383.

SEMEGHINI, U. C. **Do café à indústria: uma cidade e seu tempo**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.

SNYDER, M.; TANKE, E. D.; BERSCHEID, E. Social perception and interpersonal behavior: on the self-fulfilling nature of social stereotypes. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v.35, n.9, p.656-666, 1977.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics**: an introduction to language and society. 4.ed. London: Penguin Books, 2000.

_____. **The social differentiation of English in Norwich**. London: Cambridge University Press, 1974.

WATZLAWICK, P. Profecias que se autocumprem. In: WATZLAWICK, P. (Org.). **A realidade inventada**: como sabemos o que cremos saber? Trad. J. P. Santos. Campinas: Editorial Psy II, 1994. p.95-116.

Recebido em março de 2012

Aprovado em fevereiro de 2014

